

LISIANE SOUZA CATTANI

**O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA SEXUAL SOB A ÓTICA DA GESTALT-TERAPIA:
PRINCÍPIOS BÁSICOS**

Florianópolis
2008

LISIANE SOUZA CATTANI

**O FENÔMENO DA VIOLÊNCIA SEXUAL SOB A ÓTICA DA GESTALT-TERAPIA:
PRINCÍPIOS BÁSICOS**

Júlia M. Polito Super - conceito B+
Fátima M. Polito Super - Conceito B+

Monografia apresenta como requisito final para a obtenção do título de especialista em Gestalt-terapia, pela Comunidade Gestáltica – Centro de Desenvolvimento, Especialização e Aperfeiçoamento em Gestalt Terapia.

Florianópolis
2008

Dedico este estudo às vítimas de violência sexual e àqueles que contribuem para a reestruturação psicológica destes sujeitos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente às crianças que muito me ensinaram sobre abuso sexual e tornaram este trabalho possível.

Mire e veja: o mais importante e bonito no mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas, estão sempre mudando.

Guimarães Rosa

RESUMO

A violência sexual infantil é um problema social que, a cada dia, apresenta-se como uma prioridade para as políticas públicas. Assim, a presente monografia tem como objetivo apresentar a Gestalt-terapia (GT) como alternativa psicoterapêutica para a superação do problema. Tal abordagem foi escolhida em virtude de seu caráter dialógico e da intenção de fazer com que a vítima do abuso sexual ressignifique todo o transtorno vivenciando, sem que seja, no entanto, revitimizada. Ou seja, a evolução na terapia acontece na medida em que a criança adquire confiança em seu terapeuta e, assim, apresenta novos fatos a serem abordados. Para realização deste estudo, apresentou-se o problema da violência sexual infantil e caracterizou-se a GT a partir de seus conceitos-chave. O tratamento terapêutico, sobretudo a partir da GT, é necessário, em virtude dos danos, físicos e psicológicos, causados à vítima de agressão sexual. As seqüelas, quando não tratadas, podem influenciar, negativamente, o desenvolvimento da criança.

Palavras-Chave: Criança; Gestalt-terapia; Violência Sexual.

ABSTRACT

The child sexual violence is a social problem that, every day, presents itself as a priority for public policies. Thus, this paper aims to present the Gestalt Therapy (GT) as an alternative to overcome the problem. This approach was chosen because of its character dialogue and the intention to make the victim of sexual abuse resignify any inconvenience living without it being, however, victim again. That is, the trend in therapy happens in that the child acquires confidence in his therapist and thus presents new facts to be addressed. For this study, presented to the problem of child sexual violence and marked up the GT from its key concepts. The therapeutic treatment, especially from the GT, is necessary because of the damage, physical and psychological, caused to the victim of sexual assault. The aftermath, when untreated, can affect, negatively, the development of the child.

Key -Words: Child; Gestalt Therapy; Sexual Violence

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REVISÃO DE LITERATURA.....	11
2.1 Princípios Norteadores da Gestalt-terapia	12
2.2 Abuso Sexual na Infância	19
3 A VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL SOB UM OLHAR GESTÁLTICO	24
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
5 REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

O abuso sexual contra crianças é um fenômeno que vem, há muito tempo, assombrando a sociedade. Tem sido alvo de discussões e de políticas públicas que visam o combate e a erradicação da violência sexual infantil.

O dano emocional e psicológico, em longo prazo, decorrente dessas experiências pode ser devastador. A terapia é uma das alternativas para amenizar as seqüelas deixadas por esse ato. A criança que é vítima de abuso sexual prolongado, usualmente desenvolve uma perda violenta da auto-estima.

Pode, a criança, tornar-se muito retraída, perder a confiança em todos adultos e pode até chegar a considerar o suicídio, principalmente quando existe a possibilidade da pessoa que abusa ameaçar de violência se a criança negar-se aos seus desejos.

Assim, a violência sexual deve ser considerada como um fator predisponente a sintomas posteriores, como fobias, ansiedades e depressão, bem como outros transtornos associados à formação da personalidade do sujeito.

Diante da relevância da abordagem deste tema e da necessidade de conhecer meios e/ou métodos para a superação de traumas surgidos com a violência sexual, o presente estudo tem como objetivo norteador apresentar a Gestalt-terapia (GT) como alternativa psicoterapêutica para a superação do problema.

Inicialmente, porém, faz-se necessário elencar as principais características desta teoria, a fim de compreendê-la e, de fato, oferecer subsídios para colocá-la em prática. A visão de homem é o que, a princípio, define a GT. O sujeito, nesta teoria,

é visto como um ser biopsicossocial, em interação com o meio no qual está inserido. É considerado a partir de uma ótica global que considera o sujeito em sua totalidade.

Tal concepção de homem contribui, então, para o trabalho com vítimas de violência sexual, haja vista a leitura plena que a GT faz do fenômeno. Isto significa que a experiência vivenciada será discutida e analisada partindo dos traumas e dos diferentes sentimentos que giram em torno da violência sexual na infância.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A violência sexual é um crime que gera inúmeras conseqüências no desenvolvimento da criança. Estas vão além da agressão física, atingem o campo psicológico, causando impactos que, na maioria das vezes, acompanham o sujeito por toda sua vida.

Sendo um problema cada vez mais freqüente e explícito na sociedade, é importante conhecer estratégias, métodos e teorias que procuram amenizar as conseqüências psicológicas da violência sexual infantil. Dentre as diversas teorias que se apresentam na Psicologia, optou-se pelo olhar da Gestalt-terapia no fenômeno da violência sexual contra crianças.

Sua premissa principal é que a experiência terapêutica não é meramente um acontecimento preparatório, mas um momento válido per si, que não precisa de nenhum referencial externo para confirmar sua relevância inerente para a vida do paciente (POLSTER; POLSTER, 2001, p.23).

Assim, vale destacar que a escolha por esta abordagem justifica-se pela ênfase dada à tomada de consciência, pela vítima, da experiência vivenciada sem, no entanto, revitimizá-la. A criança é quem direciona o tratamento, sendo responsável por suas escolhas.

O objetivo da abordagem terapêutica da GT é identificar o problema (trauma), com o intuito de reintegrar a criança e abrir espaços para o diálogo com o outro.

Deste modo, a violência sexual será ressignificada na intervenção e a criança terá condições de falar sobre este problema até então inacabado.

É importante salientar, entretanto, que as vítimas de abuso ou violência sexual reagem de diferentes maneiras à agressão. Diante disto, a intervenção terapêutica deve ser individualizada, considerando as peculiaridades do sujeito e sua relação com o fenômeno.

2.1 Princípios Norteadores da Gestalt-terapia

A GT é uma abordagem psicológica, cuja origem, década de 50, é marcada por discussões do “grupo dos sete”, um grupo de intelectuais que questionavam códigos sociais, em relação ao trabalho terapêutico. Fritz Perls, também membro deste referido grupo e considerado o fundador da GT, sofreu influência da fenomenologia, do existencialismo, da psicologia Gestalt, da psicanálise, das filosofias orientais e da corrente humanista. Tais influências quebravam o dogmatismo da psicanálise clássica.

Esta nova concepção terapêutica oferece uma visão integrada dos fenômenos, ou seja, uma visão holística que compreende o homem e cada ser vivo em sua totalidade. Um todo, nesta abordagem, é maior do que a soma das partes, pois só é compreendido a partir das interações destas.

Sendo assim, qualquer situação, na GT, é analisada a partir do seu contexto. É um processo no qual as partes que compõem o todo são consideradas em suas

inter-relações. Cada parte apresenta uma característica, um dado que, isoladamente ou não, são relevantes para a compreensão do processo em questão.

Tal visão compreende o homem, a natureza em sua totalidade, isto é, como este todo, compreendido pelas interações que entre as partes se compõe. Segundo Perls (1988, p.18), “o homem não percebe as coisas isoladas e sem relação, mas as organiza no processo perceptivo como um todo significativo”.

Assim, nenhum fenômeno pode ser compreendido isoladamente, os fatos são analisados a partir da sua configuração, envolvendo idéia de totalidade e organização. O homem é, deste modo, uma unidade indivisível (corpo e mente), com expressões que o estruturam como um todo complexo e integrado com o mundo no qual está inserido.

Então, a GT visa alcançar a totalidade e a singularidade da relação do cliente consigo mesmo e com o mundo, o que é nomeado como campo, a partir de todas as manifestações de suas dimensões afetivas, corporais, espirituais, intelectuais, sensoriais e sociais, ou seja, a experiência humana do seu corpo e comportamento no meio.

Na Gestalt-terapia há uma ênfase constante e cuidadosa sobre o que o paciente faz e como é feito [...] A experiência direta é o instrumento e ela se expande para além do que é experienciado pela primeira vez por meio da ampliação e do aprofundamento do foco (YONTEF, 1998, p.40).

O sentido desta relação, do cliente com seu meio, com suas experiências, será dado pelo próprio cliente. Aqui, o terapeuta é, apenas, um facilitador nesse processo de investigação, de compreensão do fenômeno.

Vale lembrar, também, que a Gestalt trabalha com o “aqui e agora”, ou seja, com a tomada de consciência do que está se vivendo em determinado momento e, também, o ressurgimento de uma vivência antiga.

Na Gestalt, o “aqui-e-agora” é incorporado na terapia como uma espécie de estratégia de enfoque, ou seja, todo o trabalho terapêutico estará centrado no que o cliente traz, naquilo que neste momento ele vive – seus pensamentos, sensações, sentimentos e intuições – e não descartando qualquer tipo de informação que seja percebida e que seja relevante para o processo terapêutico. Isto quer dizer que todas as informações serão consideradas [...] todas as coisas que estão acontecendo no “aqui-e-agora” (RODRIGUES, 2000, p.60).

Tal característica da GT permite otimizar o atendimento às vítimas de abuso ou violência sexual, considerando que essas revelam, cada qual há seu tempo, e a partir das relações de confiança estabelecidas, o caminho a ser seguido nas intervenções. Isto significa que o terapeuta busca a confiança do cliente e este, por sua vez, revela o sofrimento pelo qual passou.

Para tanto, a GT faz uso da fenomenologia como eixo norteador, possibilitando o estudo da existência e da experiência humana, desvendando o fenômeno e chegando à essência dos acontecimentos.

Na abordagem fenomenológica, terapeutas e clientes suspendem ou colocam de lado seus preconceitos sobre que tipo de experiências são relevantes e permitem que seus sentidos processem e descubram o que quer que seja revelado pelo self e pela situação. Essa atitude fenomenológica implica aceitação. Clientes que aceitam a si próprio não terão necessidade de julgar ou condenar sua experiência (HYCNER; JACOBS, 1997, p.75).

Dessa forma, ao tentar conscientizar o cliente sobre suas vivências, das coisas e do meio em que estabelece contatos, a fenomenologia enaltece a subjetividade do sujeito, levando-o ao fenômeno em si.

É partindo desta corrente filosófica, a fenomenologia, que a Gestalt procura auxiliar o ser humano que apresenta alguma situação no campo psicológico causado por alguma vivência que desencadeou problemas na sua percepção de ser humano e de mundo, na aprendizagem e na solução de tais problemas.

Assim, o trabalho com vítimas de abuso sexual pode surgir a partir do diálogo, considerando aquilo que se mostra por si mesmo e o que a vítima sente, com o objetivo de levar o cliente a um maior contato consigo e com o outro. Tal ação deve desenvolver-se internamente, sem imposições, permitindo que o cliente trabalhe questões inacabadas, a fim de organizá-las e compreendê-las de uma nova forma.

Um princípio básico da gestalt é acentuar o que existe, em vez de meramente tentar mudá-lo. Nada pode mudar até que seja aceito primeiro; depois ele pode manifestar-se e abrir-se para o movimento natural da mudança na vida (POLSTER; POLSTER, 2001, p.159).

A consciência, quando tem uma intencionalidade, possibilita o conhecimento, a essência da relação do sujeito no mundo. Por não estar pronta, ela pode ser trabalhada e dar sentido às coisas ao seu redor. A consciência é capaz de imaginar e até reconstituir uma realidade e, conforme a intencionalidade, pode criar uma relação entre o sujeito e o objeto, entre o pensamento e o ser, entre o homem e o mundo.

Para tanto, o homem, bem como sua experiência humana, deve ser visto como um todo, sendo importante uma análise individual, social e cultural do sujeito.

O homem todo e tudo no homem são o objeto da fenomenologia. Isto significa acabar com a dicotomia mente-corpo e passar o domínio à pessoa-como-um-todo. “Todo ato contatante é um todo de awareness, resposta motora e sentimento – uma cooperação dos sistemas sensorial, muscular e vegetativo – e o contato se dá na superfície-fronteira no campo do organismo/ambiente” (PERLS, 1997, p.68).

Assim, o sujeito visto como um todo possibilita um trabalho mais eficaz quando o mesmo apresenta algum problema em alguma das seguintes modalidades: percepção, aprendizagem, solução de problemas. Ao reestruturar o indivíduo no campo perceptual, pode-se dizer também que houve uma reestruturação do seu campo total, havendo, então, uma aprendizagem e uma solução de problemas através de *insight*.

Na GT, o *insight* é a compreensão nítida da estrutura da situação em estudo. Segundo Heidbreder (*apud* YONTEF, 1998, p.16), “*insight* é uma formação de padrão do campo perceptivo, de uma maneira tal que as realidades significativas ficam aparentes; é a formação de uma gestalt na qual os fatores relevantes se encaixam com respeito ao todo”.

Assim, o ser humano é capaz de se auto-regular ao ambiente e às situações em que vive, porém, chega um determinado ponto que a desarmonia e o desequilíbrio processual entre o pensar, sentir, fazer e o falar (contatos internos) causam uma imensidão de doenças tanto do corpo quanto da mente.

Na GT se considera que a pessoa se expressa holisticamente, o que significa que ela expressa por si tudo o que ela é, inclusive sua forma distorcida de se relacionar com o mundo. Para uma pessoa que se sente sozinha, sua pele precisa estar coerente com tal atitude de isolamento, não sendo um meio de contato e, sim, mais um meio de concretizar tal isolamento, tornando-se momentaneamente insensível ao tato (RODRIGUES, 2000, p. 64).

Sendo assim, ajustar-se passa pela busca de soluções antigas, presentes e disponíveis no organismo, bem como presentes na interação do corpo e do meio ambiente, através do contato.

Esse ajustamento criativo é efetuado no ser humano pelo *self*. Este tem a função de auxiliar o ser humano a encontrar soluções para os problemas a qual o corpo ou a mente se encontram. Ele revela, ao próprio ser, através dos sistemas de ajustamento criativo, como agir para encontrar o equilíbrio do corpo e da mente, ou seja, como se reestruturar.

Em situações de contato, o *self* é a força que forma a gestalt no campo; ou melhor, o *self* é o processo de figura/fundo em situações de contato. A sensação desse processo formativo, a relação dinâmica entre fundo e figura é o excitamento: este é o sentimento de formação da figura-fundo em situações de contato, à medida que a situação inacabada tende a seu completamento (PERLS, 1997, p.180).

Ao perder a própria noção do ser, é necessário o auxílio de alguém para que o *self* entre em ação e facilite à pessoa a percepção de si mesma, que faça com que ela sinta quem e como é. A GT coloca que a pessoa deve ser vista e compreendida dentro de um determinado contexto no qual ela está inserida, ou seja, a criança deve ser vista e analisada como um todo, para depois serem analisadas as partes.

É do contato consigo mesmo que nascem todas as possibilidades de contatos com o mundo. Quando bloqueamos o contato em nós mesmos, perdemos a dimensão do outro, que é quem primeiro nos revela nossos lados ocultos. Expressamos o contato nas mais variadas formas: através do que experimentamos, de como experienciamos, do para que existimos, e, numa síntese desses momentos, podemos transcender por intermédio da sensação de uma totalidade conseguida (RIBEIRO, 2006, p.93).

Ao conhecer a si mesmo, torna-se possível uma relação mais efetiva com o outro. Partindo da importância do desenvolvimento social (integral) para o indivíduo, cabe enaltecer a interação e as relações sociais como fatores essenciais para o crescimento do ser.

O homem é um ser-no-mundo, agindo ativamente sobre o mundo e o transformando e recebendo dele também influências, em uma relação recíproca. O indivíduo não pode ser concebido isoladamente; estará sempre em um contexto onde há um conjunto de forças atuando e sempre o atingindo de uma forma inteira, como um todo (RODRIGUES, 2000, p.55).

Assim, o trabalho com vítimas de violência sexual, na GT, tem seu foco na ampliação da consciência que a criança tem sobre o fenômeno em questão. Deste modo, o terapeuta percebe o que está nas entrelinhas daquilo que lhe é apresentado. Esta atitude é, portanto, compartilhada e permite que ambos – criança e terapeuta – tenham uma visão mais ampla do problema.

O conscientizar-se fornece ao paciente a compreensão de suas próprias capacidades e habilidades, de seu equipamento sensorial, motor e intelectual. Não se trata de consciente – que é puramente mental – como se a experiência fosse investigada somente através da mente e de palavras. O conscientizar-se fornece mais ao consciente (PERLS, 1988, p.77).

Se forem nas interações sociais que o sujeito aprende, aquele que, por diferentes motivos, afasta-se do outro para proteção, procura em si mesmo soluções e não consegue encontrá-los sozinho, em razão de sua desestruturação psicológica.

É necessário o auxílio e a percepção do outro para a estruturação do ser em si mesmo.

2.2 Abuso Sexual na Infância

Muitas crianças, no decorrer de suas vidas, sofrem diversos tipos de violência. São diferentes violações aos direitos da criança e, acima de tudo, infrações aos direitos humanos. A violência sexual é um dos tipos de negação à condição do ser criança. É, portanto, uma das mais tristes formas de violência contra a criança.

É importante salientar que o abuso sexual infantil pode ocorrer de várias formas e em diferentes lugares. Ocorre na família, cujo abusador pode desde o pai até um parente próximo; e ocorre, também, fora de casa, na escola, e em outras instâncias sociais. “Por ser praticado por pessoas ligadas afetivamente à criança, o abuso incestuoso pode ter conseqüências mais sérias do que o abuso extra-familiar” (PADILHA *apud* BRANDÃO, 2002, p. 122).

No Brasil, o índice de abusos sexuais contra crianças e adolescentes é alarmante. Cada vez mais são denunciados casos de abusos e, o que os torna ainda mais assustadores, são os casos de crianças que sofrem este tipo de abuso pelo próprio pai e até mesmo pela própria mãe. Mas como identificar ou reconhecer este tipo de violência?

Vale considerar que:

Forçar ou incitar uma criança ou um jovem a tomar parte em atividades sexuais, estejam ou não cientes do que está acontecendo. As atividades podem desenvolver contato físico, incluindo atos penetrantes e atos não penetrantes. Pode incluir atividades de contato, tais como levar a criança a olhar ou produzir material pornográfico ou a assistir a atividades sexuais ou encorajá-la a comportar-se de maneiras sexualmente inapropriadas (SANDERSON, 2005, p.5).

Deste modo, instigar qualquer tipo de atividade sexual, estimulando o interesse sexual da criança, havendo ou não contato, é considerado abuso sexual. Tal fenômeno, além de violar os direitos da criança, também ocasiona distúrbios emocionais graves que podem traumatizá-la por toda a vida adulta.

O trauma do abuso sexual, com intrusão violenta no corpo e na mente da criança, pode ser ligado imediatamente à ruptura do desenvolvimento cognitivo e emocional, dando lugar a distúrbio grave e, em casos mais extremos, a estados psicóticos (MILLER, 2000, p.71).

A criança, quando consegue perceber que está sendo violada, produzirá sentimentos de medo, culpa e vergonha, fatores que dificultam a revelação dos fatos para alguém. O sentimento de ter que se proteger sozinha faz com que ela não busque ajuda, ou conte para alguém, que confia e ama. Então, a criança acaba negando a experiência para se proteger da culpa, vergonha, bem como para proteger a imagem da própria família. “Os sentimentos de culpa e vergonha da vítima muitas vezes impedem que revele o acontecido, fazendo-o somente na vida adulta” (PADILHA *apud* BRANDÃO, 2002, p.123).

Diante destes sentimentos, é importante tratar as vítimas de abuso sexual, a partir da GT, oferecendo-lhe a oportunidade de ressignificar a violência sofrida. Ou seja, o terapeuta precisa conquistar a confiança da vítima, levando-a a se

reestruturar subjetivamente. Este processo surge a partir das conseqüências que o abuso sexual trouxe para o presente.

O Gestalt-terapeuta rejeita o papel de "transformador", pois sua estratégia é a de encorajar, e insistir para que o paciente seja o que é. Ele acredita que a mudança não ocorre por "tentativa", coerção, persuasão, *insight*, interpretação ou qualquer outra possibilidade. Ao contrário, a mudança pode ocorrer quando o paciente abandona, ao menos naquele momento, o que ele gostaria de se tornar, e tenta ser o que é (YONTEF, 1998, p.220).

Como conseqüência da violência sexual incestuosa, o relacionamento entre pais e filhos torna-se deficiente, tendo em vista que, muitas vezes, a criança se cala, omitindo o fato de outras pessoas, por medo do pai. A agressão tende, assim, a continuar.

Sem o conhecimento e/ou apoio da família, a criança vítima de violência tende a ter pensamentos e recordações que remetem ao abuso. Esta vítima, muitas vezes, tende a não acreditar em sua capacidade de controlar situações: sente medo e é insegura. Se aquele que tem a obrigação do "cuidado" não cumpre tal papel, a criança torna-se vulnerável, sendo explorada pelo adulto abusador.

A família é a primeira referência da criança. Assim, seu comportamento tende a ser reflexo daquilo que lhe é oferecido. Se a vítima recebe apoio de algum adulto, as conseqüências da violência sexual serão menos danosas. Se, por sua vez, a família culpa a criança pela violência, seus distúrbios serão ainda mais comprometedores, tendo em vista que sai da condição de vítima para culpado.

Em muitas situações, as vítimas de abuso sexual são ameaçadas com maus tratos e abandono, caso revelem os “segredos” da família. Assim, com o medo da perda, suporta, em silêncio, o abuso contínuo.

O comportamento da criança que sofre ou sofreu violência sexual demonstra sinais que possibilitam aos adultos o diagnóstico de tal violência. A criança começa a ter comportamentos que ela pensa ser o ideal para fugir e se proteger do agressor. Atitudes como: urinar na cama, defecar nas calças, não mudar as roupas ou tomar banho, caracterizam um possível abuso, mas devem estar vinculados a outros sinais para que realmente se comprovem.

Além dos comportamentos acima mencionados, a criança também apresenta em suas brincadeiras, desenhos, histórias e jogos, com “temas sexuais em demasia, distúrbios de conduta, comportamento autodestrutivo, machucando-se a si mesma, mudanças nos padrões de sono e alimentação, entre outros” (SANDERSON, 2005 p. 213).

Além de refletir no emocional e no comportamento da criança, o abuso sexual também faz com que a criança baixe seu rendimento cognitivo. Ela passa a apresentar menos concentração e atenção nas atividades propostas e tem dificuldades no aprendizado. Sua atenção volta à busca de encontrar soluções para se livrar do agressor, tornando-se altamente atenta a qualquer tipo de ameaça. No campo físico, obviamente, os sinais são mais visíveis e fáceis de serem percebidos.

No entanto, percebe-se que a questão física é apenas uma das conseqüências da violência sexual. A agressão psicológica representa um trauma ainda maior às vítimas de abuso sexual. Sendo a vítima uma criança, os prejuízos são ainda maiores, considerando que o desenvolvimento infantil é mais acelerado

que em outras fases do sujeito. Os efeitos desta agressão podem manifestar-se até a fase adulta.

Neste sentido, o trabalho com a GT pode contribuir para minimizar os traumas ocasionados pela violência ou abuso sexual. O aqui e agora contribui para percepção que a criança tem sobre aquilo que a incomoda.

Na GT, exatamente por lidarmos com o momento presente, todas as informações necessárias para se trilhar este caminho – da pessoa até a possibilidade de contato com seus conflitos- estão ali, disponíveis. A pessoa vai caminhando de acordo com sua própria medida, dentro do ritmo próprio e alcançando a segurança necessária para sua posterior auto-reflexão e obtenção de sua autonomia holística, ou seja, autonomia sobre seus sentimentos, seus pensamentos, suas emoções; sua vida, enfim. (RODRIGUES, 2000, p.51).

Muitas vezes, ainda, a criança deixa de confiar no próprio ser humano e acaba se afastando de todos com medo da revelação, afetando, assim, os relacionamentos interpessoais. Sente medo da intimidade, isolando-se totalmente e alienando-se, além de tornar um pseudo-adulto, confundindo papéis.

3. A VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL SOB UM OLHAR GESTÁLTICO

É muito delicado o trabalho com vítimas de abuso sexual, haja vista que, muitas vezes, estes sujeitos passam por uma experiência de sofrimento que vai muito além do ato sexual. Geralmente, os sentimentos de culpa, medo e as dificuldades de relacionamento são obstáculos e traumas difíceis de superar pela vítima. Assim, é essencial uma terapia que trabalhe a vítima sem que esta seja revitimizada.

Diante do fenômeno da violência sexual, a Gestalt-terapia procura atuar com a criança no sentido de reestruturar seu psicológico, fazendo com que ela se perceba como sendo quem é, resgatando seus valores e direitos de ser humano. Além disso, trabalha com os sentimentos negativos causados pelo abuso sexual de forma que a criança não fique o tempo todo relatando no presente pelo que passou. Procura estruturar a criança para que ela conviva com a situação sem que fique revivendo a situação por várias vezes. Isto significa que há um entendimento sobre a violência sexual enquanto fenômeno

A criança, vítima de abuso sexual, além de não compreender claramente que está sendo abusada, pois, os relacionamentos são confundidos com carinho e amor, ainda passam pelo trauma psicológico de não confiarem mais em si mesmos, sobre o que é ou não correto.

Muitas crianças não conseguem mais confiar em si mesmas, quanto mais em qualquer outra pessoa. Tornam-se confusas sobre como se sentir, se devem ouvir a mágoa e a dor internas ou se devem 'curtir' o abuso porque é isso que o abusador deseja (SANDERSON, 2005, p.169).

Dessa forma, diante dos bloqueios psicológicos causados pelo abuso sexual consigo mesma, cabe salientar que a criança necessita resgatar contatos significativos para que se perceba como um ser capaz de tomar decisões e compreender que seus princípios estão sim, corretos.

Assim, o objetivo em se trabalhar o “aqui e agora” é verificar o reflexo das conseqüências da violência sexual infantil no presente, procurando fechar uma situação inacabada, para que esta não retorne e cause bloqueios no relacionamento interpessoal da vítima deste tipo de violência.

A partir desta perspectiva, a criança vítima de violência sexual precisa ter consciência de seu problema, analisando a situação – com a ajuda de um profissional – trabalhando suas emoções.

Neste sentido, as marcas deixadas pelos atos de violência sexual, vivenciados pelas crianças, serão amenizadas por esta intervenção. Isto significa que a vítima da violência conseguirá libertar-se das situações mal resolvidas, convivendo com aquilo que lhe afligia, podendo, então, levar uma vida saudável.

Parto do que eu percebo, ou da região psicológica, onde residem minhas capacidades de percepção do mundo; faço uma redução fenomenológica para outra região – região das essências ou significados: onde reside a definição daquilo que percebo – e, por fim, atinjo a região transcendental, onde penso sobre a própria percepção (RODRIGUES, 2000, p.39).

A partir destes princípios, a Gestalt-terapia auxilia a criança violentada a reestruturar-se psicologicamente. É importante por que ocorrem no sentido de disciplinar a relação do sujeito (criança) com o seu ambiente. Quando sofre algum trauma, a criança precisa estabelecer contatos significativos para que possa se

reestruturar e conviver com o vivido no passado, sem que prejudique a relação, o contato com os outros, nas relações estabelecidas no presente.

Os profissionais envolvidos nos casos de abuso sexual devem estar preparados para lidar com a situação com paciência e tranqüilidade, evitando, assim, interferências morais.

Na maioria dos casos, tais profissionais, por não saber lidar com violências desse tipo, tentam omitir o assunto "abuso". Esses evitam reportar-se à criança, pois têm a crença de que estão prestando auxílio à vítima e assim levando-as a esquecer o fato. Entretanto, esta atitude exime a criança da responsabilidade e não considera a experiência vivenciada, ou seja, o profissional e a criança têm conhecimento sobre o ocorrido, mas não o tratam de forma clara.

Sobre esta questão, é importante destacar que:

Ao fazer isso, nós negamos a própria experiência da criança, e ao negar e rejeitar a experiência de abuso sexual sofrida pela criança, nós rejeitamos a própria criança. O que a criança sente é o que o adulto não quer ouvir sobre sua experiência, da mesma maneira como as pessoas não queriam acreditar no abuso ou saber dele antes [...] O que nós queremos dizer à criança é 'É tudo responsabilidade do seu pai, mas você foi envolvida, e pode me contar como foi isso.' Essa diferenciação tem sido extremamente útil para as crianças que sofreram abuso sexual. Permite que se rompa o círculo do segredo e permite que as crianças falem sobre sua experiência. Elas podem falar como se sentem responsáveis e culpadas (FURNISS, 1993, p.58).

Ao colocar a responsabilidade no autor do crime, permite-se que a criança ganhe sua própria experiência, isto como sendo pré-condição para a terapia. A criança, além de ter seu corpo abusado, teve em risco a sua formação subjetiva.

A criança abusada deve falar sobre o ocorrido e estar atenta ao que a cerca. No entanto, se obrigada a falar várias e várias vezes sobre o fato, pode acontecer o

re-vivenciamento do abuso novamente, e quando o procedimento realizado acaba dessa forma, em ruptura desta experiência, acontece o que se chama de revitimização.

Assim, a GT, evita que haja a revitimização, pois trabalha não com o que aconteceu, a partir do que a vítima sente e traz de consequência sobre o ocorrido. Preconiza que a vítima não deve esquecer o fato, mas assimilar, integrar e transformar o passado doloroso em uma lembrança.

Assim, trabalha-se o aqui e o agora, somente se remetendo ao passado para constatar o que se reflete no presente. Entretanto, não se deve desconsiderar o contexto histórico e o cotidiano do paciente.

Só pela exclusão arbitrária é possível afastar as histórias que dizem respeito a fatos que aconteceram ou podem acontecer fora do ambiente do aqui agora. Alguns desses acontecimentos formam o drama mais tocante e rico da existência de uma pessoa, e deixar essas histórias de fora é uma grande perda tanto para a pessoa que as conta como para quem as ouve (POLSTER; POLSTER, 2001, p.35).

As pessoas tendem a se sentir incapazes de viver o presente, devido ao fato de carregarem situações inerentes do passado. Em função disso, as vítimas não encontram meios de viver o presente e prosseguir suas vidas.

Quando o paciente passa a vivenciar as situações inacabadas, ele se sente aliviado. Ele não vai voltar no tempo, pois o passado ficou no passado, no entanto, ele resolve tal fato no presente e vive num futuro melhor. Deve-se ter, ao trabalhar com uma criança violentada, cuidando para que ela não seja revitimizada. Ocorre, ainda, o agravamento da condição da vítima, quando esta sofre de incesto intrafamiliar, cujo pai é o abusador.

Algumas vertentes preconizam as abordagens cujo método pauta-se na investigação, indo diretamente ao passado e questionando o como, onde, quem ou mesmo o que sentiu ou aconteceu, causando dor e sofrimento no processo.

Todavia, vale ressaltar que a GT não trabalha de forma superficial, deixando a violência de lado e não dando a devida importância ao ocorrido. Ao abordar a criança abusada sexualmente, o terapeuta deve tomar cuidado com os questionamentos, ou seja, não perguntando diretamente sobre os fatos ocorridos, mas deixando que a criança ganhe confiança e se sinta à vontade para revelar o que sentiu e passou.

O terapeuta deve estar preparado para acolher a criança e lidar com a situação, pois as emoções virão no trabalho terapêutico. Assim, poderão ser libertadas as angústias, dor e sofrimento que estavam silenciados dentro de si, possibilitando dar uma nova forma, no presente, a uma situação aprisionada de vida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência sexual provoca, em suas vítimas, danos que vão além da agressão física. Na verdade, o prejuízo psicológico apresenta um impacto ainda maior na vida daquele que sofreu o abuso, considerando que suas seqüelas podem perdurar por muitos anos, caso não sejam tratadas.

Neste sentido, tão importante quanto a terapia em si, é a relação de confiança que se estabelece entre terapeuta e cliente. Este vínculo de confiança é capaz de fazer a vítima sentir-se acolhida e respeitada enquanto um sujeito único, com história e necessidades específicas.

Diante dos casos de violência sexual infantil é muito importante ver a vítima além os conceitos pré-estabelecidos. A vítima é, antes de qualquer definição, uma pessoa que deve ser observada e considerada em sua totalidade e não de forma fragmentada. É preciso conhecer o processo de formação do indivíduo que sofreu a violência sexual.

Deste modo, o grande benefício da Gestalt-terapia é a não-revitimização da criança abusada sexualmente. Isto significa que o seu tempo é respeitado, ou seja, a partir do momento em que há cumplicidade, da criança em relação ao terapeuta, o tratamento é uma possibilidade.

Tal cumplicidade é importante, haja vista que o abuso sexual ocasiona inúmeros traumas na vida do sujeito. Sentimentos são misturados e, na maioria das vezes, a vítima sente dificuldades em tratá-lo com outrem, considerando que passará por um processo doloroso. Vergonha, culpa, humilhação são decorrentes no

abuso sexual infantil. A vítima, assim, ao falar sobre o problema, revive tudo o que aconteceu.

Diante disto, a Gestalt-terapia possibilita, a partir da *awareness*, um olhar sobre o próprio trauma, ou seja, respeita aquilo que a criança traz no aqui e agora. Desta forma, a criança não se revitimizará ou reviverá o trauma de outrora. A vítima percebe, nesta terapia, que o sofrimento / abuso pelo qual passou se tornará suportável na medida em que é discutido.

Vale destacar que, dificilmente, aquele que procura a terapia relata, imediatamente, a violência vivenciada. Isto se dá em função dos sentimentos de culpa, vergonha que carrega dentro de si. A violência sexual é trazida ao longo do tratamento.

A GT, pela visão holística que apresenta das situações, possibilita a retomada de experiências vividas, sem que estas traumatizem aqueles que dela fazem uso. É um ato intencional que valoriza o presente e a capacidade de reconstrução de fatos passados.

Considerando a relevância do tema, sugere-se que novas pesquisas sejam realizadas, haja vista que o presente estudo apresenta apenas uma vertente acerca dos possíveis tratamentos da violência sexual infantil. Além disto, é válido, ainda, conhecer o perfil do abusador e as conseqüências legais desta infração.

5 REFERÊNCIAS

BRANDÃO, M.Z. **Comportamento Humano**. Abuso sexual na infância e na adolescência. Santo André: ESETec, 2002.

FURNISS, T. **Abuso sexual da criança**: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

HYCNER, R.; JACOBS, L. **Relação e cura em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

MILLER, L. Dificuldade de estabelecer um espaço para pensar a terapia de uma menina de sete anos. **Estados psicóticos em crianças**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

PERLS, F. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia**. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

PERLS, F. *et all.* **Gestalt-terapia**. 2.ed. Rio de Janeiro: Summus, 1997.

POLSTER, E.; POLSTER, M. **Gestalt-terapia integrada**. São Paulo: Summus, 2001.

RIBEIRO, J.P. **Vade-mécum de Gestalt-terapia**. Conceitos básicos. São Paulo: Summus, 2006.

RODRIGUES, H.E. **Introdução à Gestalt-terapia**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SANDERSON, C. **Abuso sexual em crianças**. São Paulo: M. Books, 2005.

YONTEF, G.M. **Processo, diálogo e awareness**. Ensaio em Gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 1998.